

Nouraide Fernandes Rocha de Queiroz (UFRN)¹

Resumo: Temos, na literatura, um instrumento por meio do qual se expressa e se eterniza a cultura de um povo. Cientes de que cada época e lugar têm suas manifestações culturais próprias, lançamos um olhar mais atento para as obras Édipo em Colono e Antígona, ambas de Sófocles, observando, mais especificamente a personagem Antígona. Tomando o seu comportamento, na obra, como referencial, tentaremos dimensionar como se dá a representação do papel da mulher na sociedade patriarcal grega, que, tradicionalmente, trata a mulher como um ser inferior, que não deve ultrapassar as barreiras que lhe são impostas, em virtude de sua condição sexual. Uma vez que podemos, desde uma primeira leitura, perceber em Antígona a demonstração da força de uma mulher que desata e supera as amarras do seu tempo, parece-nos convidativo estabelecer um paralelo entre as informações culturais dadas pela tradição e a feição aparentemente transgressora com que Sófocles concebeu Antígona.

Palavras-chave: Mulher. Tradição. Transgressão.

Résumé: Nous avons, dans la littérature, un outil par lequel la culture d'un peuple s'exprime et s'éternise. Conscients que chaque époque et chaque lieu ont leurs propres manifestations culturelles, nous avons lancé un regard plus attentif vers les oeuvres Oedipe en Colon, et Antigone, de Sophocle toutes les deux, en observant surtout le personnage d'Antigone. Tout en prenant son comportement, dans l'oeuvre, comme point de repère, nous essayerons de mesurer la représentation du rôle de la femme au sein de la société patriarcale grecque qui traditionnellement voit la femme en tant qu'être inférieur ne devant surmonter les barrières qui lui sont imposées étant donnée sa condition sexuelle. Vu que nous pouvons, lors d'une première lecture, percevoir chez Antigone la démonstration de la force d'une femme qui rompt et dépasse les contraintes de son temps, il nous semble attirant d'établir un parallèle entre les informations culturelles données par la tradition et l'air apparemment transgresseur avec lequel Sophocle a conçu Antigone.

Mots-clés: Femme. Tradition. Transgression.

O tecido literário permite-nos, por meio de sua composição, que nos enredemos pelas suas tramas, na tentativa de descortinarmos aspectos culturais de um povo e de uma época, propiciando-nos o conhecimento e a compreensão de modo mais abrangente acerca de tempos passados e de sua repercussão ao longo da história da humanidade. Entendemos que textos não são apenas textos, mas também espelho a

¹ Graduada em Letras com licenciatura em língua francesa e literaturas – UFRN. Mestre em Literatura comparada – UFRN.

refletir a memória que se eterniza, ultrapassando as fronteiras do tempo e espaço, irradiando sua presença viva em épocas sempre atuais.

Nessa perspectiva, propomo-nos abrir as cortinas do palco teatral onde se encena a tragédia grega com o texto que oferece à plateia atenta o viés cujo fio condutor aponta para descobertas acerca da natureza humana, com seus defeitos, suas virtudes, seus anseios e suas realizações e, sobretudo, auxilia-nos paradigmaticamente na percepção do eu através do outro. Assim, faz-se pertinente observarmos o texto teatral como elemento que nos favorece à tomada de consciência de nós mesmos e da vida, estabelecendo com a realidade uma visão de mundo que por ele (o texto) nos é transmitida, e na qual encontramos a representação dos conflitos da existência humana.

Pretendemos, neste estudo, nos aproximar da personagem Antígona, na versão criada por Sófocles, interessando-nos, de modo mais específico, sua presença na obra Édipo em Colono e na peça cujo título é o seu próprio nome: Antígona. Justificamos nossa escolha, porque identificamos nessas obras a relevante contribuição para que se perpetuasse o mito acerca dessa personagem, sobretudo por nos fornecer os elementos necessários ao seu reconhecimento como paradigma de determinação, de coragem, de posicionamento da mulher diante de uma sociedade em que o poder era exercido exclusivamente pelo homem.

Considerando que a literatura faz-se instrumento no qual o texto é parte de um todo em que ambos – parte e todo – estão mutuamente imbricados, podemos estabelecer a ligação, por meio do texto teatral, entre as informações culturais oferecidas pela tradição e o aparente aspecto transgressor que Sófocles concebe a Antígona. O papel a ela atribuído permite-nos observar na personagem feminina a ação de caráter elevado intrínseco ao gênero trágico, uma vez que a tragédia tem, em sua essência, consoante Aristóteles, apud Moisés (1974, p. 496):

[...] imitação de ações de caráter elevado, completa em si mesma, de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes do drama, imitação que se efetua, não por narrativa, mas mediante atores, e que suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação (catarse) desses sentimentos.

Nas “ações de caráter elevado”, i. e., ações sérias, praticadas por indivíduos socialmente diferenciados, representa-se, por intermédio da personagem Antígona, o papel da mulher que transgride às regras comportamentais impostas em sua época quanto ao lugar da mulher na sociedade, que deveria limitar-se aos espaços internos inerentes à vida doméstica.

Nesse sentido, assinalamos as palavras de Bertold Brech enfatizando que “o mito da Antígona conta uma história inteiramente humana. Nenhum elemento maravilhoso intervém na ação, sendo, portanto, facilmente adaptável às sensibilidades e ideologias modernas”.

Antígona, apenas citada como uma das filhas de Édipo e Jocasta, em Édipo Rei, ganha relevância na obra Édipo em Colono, e podemos acompanhar sua trajetória a partir do momento em que ela ampara o seu pai, o qual, ao descobrir-se parricida e incestuoso, vasa os próprios olhos e abandona o trono, continuando a viver em Tebas, onde seus dois filhos, Etéocles e Polínicés, ignorando o infortúnio do pai, disputam ambiciosamente o poder à frente de cidade tebana. Amaldiçoados pelo pai, os dois expulsaram-no da cidade, donde ele partiu amparado por sua filha, Antígona, que o acompanhará, desde então, até seus últimos dias entre os mortais.

Essa trajetória pode ser identificada já no início da peça Édipo em Colono, em que lemos na didascalie: “Cenário: orla de um bosque, diante do qual passa um caminho por onde chega Édipo, cego e guiado por Antígona [...]”. (SÓFOCLES, 2004, p. 103).

Em toda a peça, observamos a relevância da personagem Antígona, que se destaca pelas atitudes de coragem e determinação, ao se tornar o guia de Édipo, seu pai, pelos caminhos da vida, como corroboramos por meio dos versos ora transcritos (grifos nossos):

Édipo:

Filha do velho cego, a que lugar chegamos, [...]

1

Antígona:

Meu pai, desventurado Édipo, já vejo
as torres protetoras da cidade ao longe;

15

² BRECHT, Bertold *apud* FRAISSE, Simone. Antígona. In: *Dicionário de mitos literários*. 2005, p. 46.

[...]

Édipo:

Leva-me à pedra, então, e cuida deste cego. 24

Ao aproximar-se um morador, Antígona diz ao seu pai:

Antígona:

Ei-lo presente; dize o que te parecer conveniente; o homem está entre nós. 34

Édipo:

Ouçó, estrangeiro, esta moça que vê por mim e vê também por si mesma dizer que estás perto de nós para tirar as nossas dúvidas... (SÓFOCLES, 2004, p. 103/4). 36

Observamos que a trama que se desenrola no espaço aberto, ao ar livre, lugar, que, segundo a tradição grega da época, deveria ser ocupado apenas pelos homens, pois a estes é dedicado o espaço público, considerado o espaço masculino por excelência.

O espaço de fora (do masculino, do homem) opõe-se ao espaço de dentro (o feminino, o da mulher), considerado o espaço doméstico (a casa, fisicamente falando), onde a mulher se situa como a rainha do lar, a que tece, borda, cuida da casa, dos filhos, espera por seus maridos...

Antígona desmistifica essa posição, ao se inserir no espaço público, aberto, sem fronteiras, colocando assim o papel da mulher e sua preocupação para além dos muros que a confina no espaço de dentro. Chama a atenção sua postura que – como o próprio Édipo mostra-nos em sua fala – deveria ter sido assumida pelos filhos homens, uma vez que, na cultura grega, esse papel cabia aos homens. Tal afirmação encontra-se nos versos 1603 a 1612, quando, falando sobre seu flagelo, Édipo se dirige ao seu filho Polínicos, enfatizando a importância das filhas (pois Ismene – sua outra filha – também o acompanhava) em sua vida, após ser banido de Tebas, pelos próprios filhos.

Édipo:

[...] É tua a culpa se vivo nesta miséria, 1603

pois me expulsaste, e se levo uma vida errante
 de mendigo pedindo o pão de cada dia,
 tu és a causa. E se eu não tivesse gerado
 estas meninas a quem devo o meu sustento,
 e dependesse só de ti para viver, 1608
 já estaria morto. Devo-lhes a vida
 e minha nutrição, pois elas se comportam
 como se fossem homens em vez de mulheres
 para ajudar-me em minha existência penosa.
 (SÓFOCLES, 2004, p. 203). (Grifos nossos).

Além da confirmação nos versos que ora vimos, podemos observar a importância exercida por Antígona (e Ismene), reconhecida na fala do seu irmão Polinices, o qual após ouvir as maldições que Édipo rogou contra ele e Etéocles, suplica-lhes pela manutenção do direito aos rituais fúnebres sagrados, segundo as tradições da época:

Polinices:

[...]
 Ah! Filhas deles! Ah! Minhas queridas irmãs! 1661
 Ao menos vós, que ouvistes as imprecações
 impiedosas deste pai, não me afronteis.
 Em nome de todos os deuses vos suplico:
 se um dia sua maldição se consumir 1665
 e se tiverdes meios de voltar a Tebas,
 dai-me uma sepultura e oferendas fúnebres!
 (SÓFOCLES, 2004, p. 177).

Esses versos permitem-nos corroborar a grande relevância de Antígona em sua função de mantenedora da força da lei natural, manifesta pelos elos consanguíneos.

A bandeira hasteada por Antígona fica ainda mais evidente, ao término da jornada ao lado de seu pai, quando este não mais se encontra entre os mortais, e ela volta a Tebas com o intuito de unir novamente seus irmãos, na tentativa de dissuadi-los da luta por eles travada na ambição de ocupar o trono tebano.

Para apreendermos melhor o comportamento transgressor dessa personagem, deixemos sob o domínio dos deuses Édipo em Colono e passemos a observar o que ela nos reserva na peça Antígona.

A tragédia familiar nessa obra tem seu início quando seus irmãos, Polinices e Etéocle, matam-se um ao outro na disputa pelo trono.

Creonte, irmão de Jocasta, tio, portanto, dos filhos de Édipo, recusa-se a enterrar Polinices, uma vez que este guerreara contra Tebas, implicando-lhe a pena de não receber as honras fúnebres, motivo gerador do conflito entre Antígona e seu tio, uma vez que é notória a relevância atribuída ao ritual funerário na cultura grega, como compreendemos de acordo com Mattoso (1947, p. 250), pois

Os gregos adoravam os mortos. Julgavam que eles continuavam a habitar o túmulo onde repousavam. Enterravam-nos, por isso, com os objectos que lhes eram mais caros; imolavam vítimas em sua intenção; celebravam ritos funerários; levavam-lhes oferendas; faziam sobre as sepulturas, libações de vinho e de leite. Cada morto, sepultado, segundo os usos tradicionais, tornava-se uma divindade benéfica, à qual se prestava um culto especial. Os que não eram alvo destes ritos e se tornavam esquecidos erravam tristemente pelo mundo e perturbavam a paz dos vivos.

Considerando a importância atribuída aos funerais e por isso desobedecendo às leis do Estado, representadas por Creonte, Antígona segue somente os preceitos religiosos e presta os deveres fúnebres ao seu irmão Polinices, atitude que provoca a ira de Creonte e revela, ao mesmo tempo, como Antígona, em nome de sua visão de mundo, era capaz de agir de forma contrária àquilo que a sociedade grega designava como um comportamento feminino desejável.

Com essa atitude, nosso mito coloca a supremacia das crenças, dos seus princípios de humanidade acima das leis defendidas por Creonte (as quais mais tarde virão a ser denominadas “Direito Positivo”: as leis representativas do poder social). Já Creonte, em função do seu papel social de rei, e em detrimento dos laços familiares que o unem a Antígona, vê-se obrigado a matar a sobrinha, uma vez que as leis deveriam ser aplicadas a todos indistintamente.

Séculos após sua representação, Antígona ocupa ainda lugar de destaque no palco da realidade social, protagonizando um debate muito mais amplo do que apenas o da imagem de uma filha dedicada a um pai, cuja velhice transcorre sob o infortúnio da cegueira. Entre as leis do Estado, as leis religiosas e as leis do afeto, Antígona revela haver lacunas a serem problematizadas, nas quais cabem, sem dúvida, questionamentos relacionados às injunções de gênero.

O mito toma, ainda, proporções politizadas no campo das leis. Sófocles propiciara, por meio de Antígona, o surgimento de uma fecunda distinção entre as leis não-escritas e os decretos de Creonte, obedecidos por todos, aos quais ela se recusa a

curvar-se, quando de sua atitude de dar a Polinices o enterro digno a que todo o ser humano naturalmente tem direito, e que, no caso de Polinices, era proibido pelas leis tebanas, como entendemos pelo diálogo entre as duas irmãs:

Ismene:

Vais enterrá-lo contra a interdição geral? 51

Antígona:

Ainda que não queiras ele é teu irmão 52
e meu; e quanto a mim, jamais o trairei.

Ismene:

Atreves-te a enfrentar as ordens de Creonte?

Antígona:

Ele não pode impor que eu abandone os meus. 55

Ismene:

[...] E não nos esqueçamos 68
de que somos mulheres e, por conseguinte,
não poderemos enfrentar, só nós, os homens.
Enfim, somos mandadas por mais poderosos
e só nos resta obedecer a essas ordens 72
e até a outras inda mais desoladoras.
Peço indulgência aos nossos mortos enterrados
mas obedeço constrangida, aos governantes;
ter pretensões ao impossível é loucura.
(SÓFOCLES, 2004, p. 203).

As leis não-escritas eram oriundas dos valores religiosos e esses estavam ligados aos laços familiares, pois na vida ateniense “a família considerada como um agrupamento religioso mantém-se na tradição dos antepassados, em cuja lembrança arde constantemente a chama sagrada sobre o altar doméstico”. (MATTOSON, 1947, p. 311).

Antígona fora além do espaço doméstico. Ocupara a praça pública, onde exercia um papel amplo e ativo, cujo modelo não comportava o silêncio tradicional que o espaço doméstico sugeria-nos entrever.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marta Mega de. **A vida comum: espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BRUNEL, Pierre (org). **Dicionário de mitos literários**. 4. ed. Tradução: Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- BURNS, Edward McNall. **História da civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Globo, 1948.
- HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MATTOSO, António G. **História da civilização: Antigüidade**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1947. (p. 213-347).
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- NIETZSCHE. **A origem da tragédia**. São Paulo: Centauro, 2004.
- QUEIROZ, Nouraide; SOUSA, Cláudia. **Relações de gênero na figura de Jocasta**. In: Anais do III Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), jun. de 2007, p. 1 – 9.
- RIBEIRO JR., W.A. **Édipo e Antígone em Tebas**. **Portal Graecia Antiqua**, São Carlos. Disponível em <http://greciantiga.org//img/pin/i685.asp>. Data da consulta: 30.08.2007.
- SISSA, Giulia; DETIENNE, Marcel. **A vida comum: os deuses gregos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SÓFOCLES. **A trilogia tebana: Édipo rei; Édipo em Colono e Antígona**. 11. ed. Tradução do grego Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Coleção A tragédia grega; v. 1).
- VICTÓRIA, Luiz A. P. **Dicionário ilustrado da mitologia**. São Paulo: Ediouro, [s./d.].